IMPRESSO
Fechamento Autorizado
Pode ser aberto pela ECT

Monte Sião

65 Anos 1958 - 2022

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m.
Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958 **Agosto de 2023 - Nº 614**

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

O TEMPO PODE SER UMA FÁBULA

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Na sequência de mudanças na criação de Cantare, falta falar do tempo, seu fabulista, esse invólucro que cobre tudo, tudo mesmo, desde as pessoas, animais, plantas e a terra, cobre, domina, faz o que quer, é o que dizem estudiosos dos movimentos do céu e da terra. Muitos dizem que só estudando nos livros para saber como é o tempo. Capais! 'Tru dia, mesmo, passou um sujeito na venda do Zé dizendo que sabia muito, que estudava as estrelas, besteira, a velocidade da luz das estrelas, mais besteira ainda, porque o que vale é aqui, com um agora recheado de horas bem esticadas, pois, olha, digo que sigo o sol girar tudo, estonteante, que vá, que vou no meu passo, sem saber que hora é agora, que hora pra isso ou pr'aquilo, sendo tudo o agora pousado dos bichos, das plantas...

Sentado na soleira da porta, Seu Zico, que fora tropeiro, que é tocador de violão com bom repertório de samba canção, assim pensa sobre o tempo passando por ele, mas muito devagar, porque seu tempo o conhece muito bem quando se põe a vagar pelas nuvens de Cantare, ainda mais nesse quando arrumou um serviço de muito avançado tempo, era num hotel local, cheio de visitantes, que também vinham para passar o tempo em Cantare. Só passar o tempo, se assim é, pra que correria, era pura satisfação cuidar de quem quer tempo demorado. E tinha uma porção de amigos que o seguiam no seu modo de viver sob o abraço folgado do tempo

Escute só... Vai que para ir ao novo trabalho, bem ao passo de sua antiga tropa, Seu Zico tomava um ônibus circular, que circulava Galáctico por Cantare, tempo a tempo, pegando passageiros desde lá de Monte Sião, o circular vinha, parava no Oscar de Castro, no Satirada, no Dito Arve, no Ricer, e quando chegava frente à casa do Seu Zico, o Motorista Batistas parava e buzinava e também o chamava e o chamavam, todos os passageiros: Vamo, Seu Zico, já são 5 horas, e Seu Zico respondia: Espera um pouco, Batista, tô terminando de passar um café. Outro dia, ônibus na porta, parado, e o povo: Vamo, Seu Zico!!... Ota mundo. Destoando de meu violão, povo! Outro dia, e o Batista: Oh Zico Tropeiro, tamo atrasado!... Que ado o quê, o tempo é nosso companheiro, se pôs a gente aqui, então vamo no seu passo sossegado..., tô fritando uns bolinhos pra todo mundo... ...Tomem, comam, sabia que temos de agradar o tempo, senão é ele quem come a gente de repente. Tem fumo pra pitá, qué?!...

E assim se dava, todos os dias, o motorista Batista parava o ônibus e chamava Seu Zico, que vinha, mas ao seu tempo: ao tempo do universo, das estrelas, de suas antigas tropas, não ao tempo dos homens aflitos de instantes:

Vamo, seu Zico!

Calma, Batista... Aqui está seu café. (claro, depois de uns minutos com ônibus parado à porta do passageiro Zico Tropeiro) Tem fumo pra pitá, qué?!...

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

BARBEARIA DO DIDÁCIO – NOVIDADES

IVAN

A cadeira de barbeiro que o Didácio mandou reformar em Massachusetts, depois de meses na alfândega daquele país invejoso, retornou a Monte Sião, sendo recebida com honras de Chefe de Estado por nossas autoridades, inclusive o Toninho da Fábrica, a maior e mais temida de todas. A demora deveu-se à desfaçatez do presidente Bush, que ameaçou categoricamente: "Devolvo o Iraque aos futuros defuntos que farei no país, mas a cadeira ao Didácio nunca!" Ora, quem o Bush pensa que é? No máximo, a sua tradução – arbusto, moita – que todo brasileiro que já morou na roça sabe bem para que serve. Criou-se grave problema diplomático: o senado americano tentando usurpar a cadeira, para isso criando lei específica, a CIA maquinando pintá-la nas cores do país para justificar a propriedade do móvel, a Nasa disparando satélites para rastreá-la, o FBI, com seus detetives embuçados e com capa de gabardine, procurando vestígios de cabelos norte-americanos nas ranhuras do assento, como prova dos direitos ianques. Um verdadeiro rebosteio. O presidente Lula não deixou por menos. Foi severíssimo: "Não aceitamos *ingerimento* em nossas indecisões; a cadeira é muito do Didácio, os americanos que tenham mais amor e *menas* confiança e, se for necessário, pago a cadeira com duas ou três cuecas recheadas, mas *ejijo* a presença pessoal dela, por 10 motivos", espalmando as duas mãos, contando dedo por dedo. Após consultar o Toninho da Fábrica e receber e seu aval, o Didácio alugou um jatinho em São José dos Campos, à prova de trombadas, foi a Massachusetts e, triunfalmente, trouxe a cadeira à gentil pátria amada. Modesto, ele explica, enquanto corta fiapo por fiapo os meus últimos arremedos de cabelo: "Fácil. O mais difícil foi pronunciar o nome do diacho daquele estado que, apesar do meu inglês fluente, aquela ignorantada não entendia". A cadeira encontra-se exposta à visitação: R$10,00 para sentar: R$15,00, para sentar e uma virada; R$20,00 para sentar e cortar e R$5,00 apenas para olhar, como couvert artístico, com narração minuciosa do Didácio sobre o caso.

O Salão acaba de receber, ainda quentinhas, três toneladas de gelo para patinação, mas que também podem ser usadas no uísque. A colocação das barras fica por conta do comprador. Por precaução, o Didácio deixa à disposição dos patinadores, a preços módicos, talas de bambu do Saara, gesso, esparadrapo, ataduras, iodo e gemidos enlatados, caso o usuário perca a fala em decorrência de tombo e acidentes correlatos. Os gemidos vêm em quatro línguas diferentes, por R$7,50 a frase.

De Paris, chegaram 100 unidades (corra, que tá no fim) de batom sabor beijo. Ao ser usado, a madame sentirá o gosto insubstituível da pessoa amada. Peça giratória na base do cosmético permite ejetar-se, ao gosto do cliente, uma língua ou duas doses de saliva filtrada: uma, com nicotina; outra, aroma cravo da Índia.

Máquina fotográfica digital munida de cheiro e som. O Didácio tem, apenas para demonstração, a foto de um aniversariante recendendo a bolo com cobertura, e a voz: olha o passarinho! Cuecas tecidas em aço e amianto, à prova de fogo, bala, pum, excelentes para transporte de dinheiro. As mais sofisticadas vêm com caixa-forte opcional.

Minicomputador, nas dimensões de caixa de fósforos, cujo site oferece respostas inteligentes e instantâneas, diferentemente daquelas que só nos ocorrem no dia seguinte, depois de uma noite insone.

Agulhas de costura que, ao serem esfregadas, mudam a cor da linha para a qual se optou. Alfinetes com cadeado segredo, que só se abrem pelo proprietário. Em caixinhas coloridas, "Pílulas Antiabandono" para serem ministradas aos empregados de malharia que abandonam o emprego no mês de maior movimento. Depois de enriquecidas na Alemanha, servem também para balconistas. Sanguessuga canina – pequeno motor elétrico a lenha, dotado de tromba, utilíssimo para sugar os cachorros abandonados, que fazem das calçadas banheiros públicos. Acoplado ao engenho, gravação de latidos de cadela no cio atraem os machos, facilitando sua captura através da sucção. Descartando-se a gravação, o aparelho se torna muito bom auxiliar para tomar sopa. Com a gravação, é perigoso o distinto se pôr a cheirar a cadela, ainda mais na mesa de refeição.

Dilatador de Rua – potente eixo telescópico em aço que, ao ser colocado transversalmente sobre rua estreita, afasta os meios-fios até se obter a largura que se deseja do logradouro. Astuto, ao constatar o que se fez ao redor da igreja matriz, o Didácio adquiriu o apetrecho, aparentemente inútil e, logo que os turistas entupirem as ruas à procura do tricô, vai vender tudo ao preço da imprevisão.

Transformador de som – aparelho que pode ser embutido no isqueiro ou na pedra do anel, excelente para diminuir a acuidade auditiva, amenizando sobremaneira o ruído dos carros de som, estampidos, detonações urros humanos, foguetório, brunomarroneamentos, transformando tudo em chilreios de pássaros, murmúrio de águas lênticas e lóticas, em vento brando em touceira de bambu. Por modestos R$5,00, o Didácio explica: lêntica = água parada, dos lagos; lótica = água corrente, dos rios.

Última moda – anteparos absorventes, em diversas cores e formatos, dotados de bastão de cerejeira, utilíssimos para proteger camisas dos respingos da macarronada do domingo, dia de roupa nova. No mesmo invólucro, respingos de macarronada, para as camisas de quem vive em jejum, mas se recusa confessar.

Comprimidos desfedorantes – fabricados na Índia e adaptados para Monte Sião a pedido do Didácio, ao serem lançados em um dos rios que ladeiam a cidade, reagem com as fezes nele conduzidas, transferindo o fedor ao córrego do lado oposto. Até que o mau cheiro retorne, os moradores das margens e adjacências do primeiro rio contemplado usufruem dias inodoros e confortáveis. Por razoáveis R$5,00, o Didácio não define "fezes" por meros respeito e acatamento ao distinto freguês ... e por sentir vergonha, também.

Chuveiro sem furo – ótimo para quem detesta banho e deseja enganar a família. Ao ser ligado, de sua parte interna ouve-se zumbido igualzinho à água caindo. O Didácio denominou-o Onomatopéia de Banho (e nos dando um banho de erudição). Enquanto o chuveiro chia, o usuário dissimula, passando água da pia no rosto e, com a boca faz brrrrrrrr, para enganar algum enxerido atrás da porta, querendo flagrá-lo. Caso o decente freguês tenha dificuldade em pronunciar o imprescindível brrrrrrr, o Didácio fornece, a preços convidativos, caixa hermética com três brrrrrrrrrs estepes. No Salão Jardim, nome da barbearia, o inconfundível proprietário fornece um fazedor de brrrrrrrr, para treinos, com boquilha descartável. Por apenas R$7,00. Sete, em português. Nos nove outros idiomas que domina, R$18,00. Uma pechincha.

Venha correndo, embora não seja necessário. Tudo o que o Didácio anuncia que está no fim, tem o triplo escondido no depósito. Ele não liga em confessar o truque... por R$3,50 à vista.

Como última e estupenda novidade, tudo de graça, desde que o galante freguês, além do cabelo, corte também a barba, o Didácio narra, com minúcias, a vida do Papa Bento XVI, do seu parto (biografia opcional da parteira) até a previsão do seu futuro, incluindo número do seu sapato, comida preferida, cor dos botões da camisa, de que santo é devoto, qual a oração que usa pela manhã, se quilou pião ou jogou birola em criança, se soltou papagaio (pelo seu título, é certo que sim), se brincou na enxurrada, se desobedeceu à mãe, se fugiu da escola, se repetiu o ano, se quebrou o pau com os colegas, se comia espinafre ou jiló e se gostava dos filmes de Carlitos (não é o Carlito da Fábrica, porque, deste, todo mundo gosta) e que, um dia, homem comedido e modesto, fazendo-se igual a todos nós, irá morrer, embora morte mais profunda, pois que será noticiada pelo mundo afora. Estas preciosas informações foram obtidas pelo Didácio quando, a convite do Vaticano, acompanhou o Papa em seu retorno a Roma. Durante o bate-papo informal, o Pontífice ficou sabendo por que o tricô de Monte Sião é tão conhecido na Itália como em todo Brasil, inteirando-se, ainda, de detalhes do paramento que usava na viagem, confeccionado por nossas tricoteiras e a ele oferecido e entregue sigilosamente na igrejinha do Rosário, no dia que, escondido, nos visitou. O Didácio voltou tão entusiasmado com a simpatia de Bento XVI, doravante amigo do peito, que passou a chamar seu segundo filho, o doutor Edson Biscuola, de Rebento II. Eta, sapiência inexcedível.

N.A.: como a palavra saudade, que só existe na língua portuguesa, quilar é verbo exclusivo do monte-sionês, idioma de Monte Sião, e que significa "fazer rodar o pião", explicação que o Didácio fornece, demonstrando, in loco, a maneira de fazê-lo. Por uma laranja, no ponto, ou duas bananas. Uma, pode estar verde. Birola, também exclusiva da língua montesionês, designa a brincadeira do mesmo nome e o buraco aonde a bolinha de vidro ou gude deve entrar, após ser lançada pelo jogador.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 58

ISMAEL RIELI

Monica Benício é a viúva de Mariele.

Ao comentar os 5 anos do fuzilamento da companheira, quando o depoimento delatador do motorista que conduzia o facínora, emparelhado ao carro da arretada vereadora, revelou outros detalhes, abrindo novas pistas para se chegar ao(s) mandante(s), Mônica, em entrevista, disse que HOUVERAM progressos importantes nas investigações. Não, Mônica, houveram não! Houve porque o verbo haver quando significa existir, ocorrer, é impessoal. Não tem sujeito e só se emprega na 3ª pessoa do singular. Progressos importantes é objeto direto. Sujeito não há. Os excessos HOUVERAM o todo poderoso Artur Lira também escorregou no Roda Viva ao afirmar:

Dia desses, em sua homilia, um dos muitos padres de Aparecida também escorregou quando disse que: - "Sempre HAVERÃO peixes que não prestam".

De um modo geral, pela cultura, pelo longo período de estudos, por estudar latim e grego, os padres não maltratam o português.

O que eles fazem muitas vezes é repetir o sujeito.

Nossa senhora, ela aconselhou: Fazei tudo o que ele vos disser.

Jesus Cristo, ele repartiu o pão.

Memento Homo

Dia desses vi a urninha que guardava as cinzas de um amigo.

Então, a gente se põe a meditar:

Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris.

Os cemitérios, antes fora, distantes das cidades, hoje estão, quase todos, conurbados, dentro delas, como o nosso campo santo aqui de Monte Sião. A tendência é a implantação de mais e mais crematórios, além dos cemitérios verticais. É bom não esquecermos dos conterrâneos de Cícero: vanitas, vanitatis et omnia vanitas.

Eram italianos dois matemáticos gregos: Pitágoras nasceu na Calábria. Arquimedes, em Saracusa, na Sicília. Naquela época o sul da Itália fazia parte da Magna Grécia.

Excelente professor, um colega muito querido.

Sempre que vou a Monte Sião costumo sentar na calçada do tio Peri para saborear um pastel de carne e um guaraná de quartinho. Na ultima vez que estive lá, ocupava uma das mesas meu colega do Provedor (onde dei algumas aulinhas por um curto período) o professor de física Roberto Céu e sua esposa Lúcia.

Conversamos animada e longamente por quase uma hora, período em que por lá passaram bem uns 10 ex alunos, que, com respeito e simpatia, cumprimentavam o mestre querido. Professor de uma matéria árdua que ele transmitia em aulas agradáveis.

Inopinadamente, antes do combinado, Roberto foi pro céu e deixa gratas lembranças e muita saudade.

O Polêmico Getulio Vargas

Que, por quase 20 anos, governou esse país tem, na sua biografia, muitos pontos positivos e outro tanto, negativos.

O "pai dos pobres", e "mãe dos ricos" implantou a CLT; soube, com sagacidade, negociar com os americanos o uso da base aérea do Rio Grande do Norte, na Segunda Guerra (apesar de ter flertado com Hitler e o Duce) ganhando, em troca a usina de Volta Redonda. Não consta que tenha sido corrupto.

MAS...;entregou Olga Benário aos facínoras nazistas. Seu ajudante em perseguições e prisões de adversários Filinto Muller, de triste memória, andou aprontando. Filinto morreu no avião da Varig, a 5km do aeroporto de Orly, na França. Com fogo a partir do banheiro o piloto teve que pousar, num, repolhal, a alguns minutos da pista do aeroporto.

O cantor Agostinho dos Santos também estava nesse fatídico vôo.

E agora, só agora, fico sabendo que o ditador autorizou o baixotinho ministro da guerra, Dutra a, por terra e pelo ar, massacrar 400 ou 1.000? Brasileiros na comunidade de Caldeirão, no Crato, Ceará que transcrevemos, da Wikpédia, a seguir:

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto ou Caldeirão dos Jesuítas foi um dos movimentos messiânicos que surgiu nas terras do Crato, Ceará. A comunidade era liderada pelo paraibano de Pilões de Dentro, José Lourenço Gomes da Silva, mais conhecido por beato José Lourenço.

HISTÓRIA

Sítio Baixa Dantas

José Lourenço trabalhava com sua família em latifúndios do sertão da Paraíba. Decidiu migrar para Juazeiro do Norte, onde conheceu o Padre Cícero e ganhou sua simpatia e confiança. Em Juazeiro, conseguiu arrendar um lote de terra no sitio Baixa Dantas, no município do Crato. Com bastante esforço de José Lourenço e os demais romeiros, em pouco tempo a terra prosperou, e eles produziram cereais e frutas. Diferente das fazendas vizinhas, na comunidade toda a produção era dividida igualmente.

José Lourenço tornou-se líder daquele povoado, e se dedicou à religião, à caridade e a servir ao próximo. Mesmo analfabeto, era ele quem dividia as tarefas e ensinava agricultura e medicina popular. Para o sítio Baixa Dantas eram enviados, por Padre Cícero, assassinos, ladrões e miseráveis, enfim, pessoas que precisavam de ajuda para trabalhar e obter sua fé. Após o surgimento da Sedição de Juazeiro, da qual José Lourenço não participou, suas terras foram invadidas por jagunços. Com o fim da revolta, José Lourenço e seus seguidores reconstruíram o povoado.

Em 1921, Delmiro Gouveia presenteou Padre Cícero com um boi, chamado Mansinho, e o entregou aos cuidados de José Lourenço. Os inimigos de Padre Cícero, se aproveitaram disso espalhando boatos de que as pessoas estariam adorando o boi como a um deus. Por conta disso, o boi foi morto e José Lourenço foi preso a mando de Floro Bartolomeu, tendo sido solto por influência de Padre Cícero alguns dias depois.

Caldeirão de Santa Cruz do Deserto

Em 1926, o sítio Baixa Dantas foi vendido e o novo proprietário exigiu que os membros da comunidade saíssem das terras. Com isso, Padre Cícero resolveu alojar o beato e os romeiros em uma grande fazenda denominada Caldeirão dos Jesuítas, situada no Crato, onde recomeçaram o trabalho comunitário, criando uma sociedade igualitária que tinha como base a religião. Toda a produção do Caldeirão era dividida igualmente, o excedente era vendido e, com o lucro, investia-se em remédios e querosene.

No Caldeirão cada família tinha sua casa e órfãos eram afilhados do beato. Na fazenda também havia um cemitério e uma igreja, construídos pelos próprios membros. A comunidade chegou a ter mais de mil habitantes. Com a grande seca de 1932, esse número aumentou, pois lá chegaram muitos flagelados. Após a morte de Padre Cícero, muitos nordestinos passaram a considerar o beato José Lourenço como seu sucessor.

Devido a muitos grupos de pessoas começarem a ir para o Caldeirão e deixarem seus trabalhos árduos, pois viam aquela sociedade como um paraíso, os poderosos, a classe dominante, começaram a temer aquilo que consideravam ser uma má influência.

Massacre

Em 1937, sem a proteção de Padre Cícero, que falecera em 1934, a fazenda foi invadida e destruída pelas forças do governo de Getúlio Vargas, que acusava a comunidade de comunismo. Os sertanejos sobreviventes dividiram-se, ressurgindo novamente pela mata em uma nova comunidade, que em 11 de maio foi invadida novamente, dessa vez por terra e pelo ar, quando aconteceu um grande massacre, com o número oficial de 400 mortos (outras estimativas, entanto, chegam a mais de 1000). Os familiares e descendentes dos mortos nunca souberam onde encontram

-se os corpos, pois o Exército Brasileiro e a Polícia Militar do Ceará nunca informaram o local da vala comum na qual os seguidores do Beato foram enterrados. Presume-se que a vala coletiva encontra-se no Caldeirão ou na Mata dos Cavalos, na Serra do Cruzeiro (região do Cariri). José Lourenço fugiu para Pernambuco, onde morreu aos 74 anos, de peste bubônica, tendo sido levado por uma multidão para Juazeiro, onde foi enterrado no cemitério do Socorro.

CALDEIRÃO HOJE

Da época da Irmandade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, existem ainda a capela branca, que tem como padroeiro Santo Inácio de Loyola, ao lado da ermida, duas casas, um muro de laje de um velho cemitério, um cruzeiro e no alto as ruínas da residência do beato José Lourenço.

Atualmente, 47 famílias vivem num sítio denominado Assentamento 10 de Abril, a 37 km do centro do Crato. No local encontram-se 47 casas; dessas, 44 são de alvenaria e uma escola, porém sem ostentar as dimensões atingidas pelo então Caldeirão do beato José Lourenço. As famílias residentes mantêm atividade de horticultura comercial, agricultura de subsistência e apicultura.

A ONG SOS Direitos Humanos entrou com uma ação civil pública no ano de 2008 na Justiça Federal do Ceará, contra o Governo Federal do Brasil e Governo do Estado do Ceará, requerendo que o Exército Brasileiro tornasse público o local da vala comum, realizasse a exumação dos corpos, identificasse as vítimas via exames de DNA, enterrasse os restos mortais, indenizasse no valor de R$ 500 mil, todos os familiares das vítimas e os remanescentes, e incluísse na história oficial, à título pedagógico, a história do massacre do Sítio da Santa Cruz do Deserto, ou Sítio Caldeirão. A pedido do Ministério Público Federal da cidade de Juazeiro do Norte, a ação foi extinta sem julgamento de mérito pelo juiz da 16ª Vara Federal de Juazeiro do Norte. A ONG recorreu ao Tribunal Regional Federal da 5ª Região em Recife, Pernambuco, requerendo que a ação seja julgada o mérito porque o crime cometido contra a comunidade do Sítio Caldeirão é de lesa humanidade, e portanto, imprescritível.

No ano de 2009, a mesma ONG denunciou o Brasil à Organização dos Estados Americanos, por crime de desaparecimento forçado de pessoas e para que seja obrigada a informar a localização da vala comum com as 1000 vítimas do Sítio Caldeirão. A entidade considera o sítio Caldeirão como o Araguaia do Ceará, uma vez que os militares mataram 1000 pessoas e após, enterraram em vala comum em lugar desconhecido da mata dos cavalos, em cima da Chapada do Araripe. A ONG está pedindo auxílio à entidades internacionais para que a vala comum seja encontrada, bem como, de geólogos, geofísicos e arqueólogos para identificar a localização da vala comum.

Em 1986 o cineasta Rosemberg Cariry, realizou um documentário rico em depoimentos de sobreviventes do massacre. Caldeirão é um movimento considerado como uma outra Guerra de Canudos.

REY QUEXOTO – "RIO TAMANDUÁ"

DURVAL TAVARES

Ciao.

Em alguns artigos escritos em folhas de papel almaço, Rey Quexoto apresentou um pouco de sua alma de aço, de suas origens e, pelo que se leu nas escrituras (do R.Q., é claro!), ele teve muitas passagens importantes, hilariantes, alucinantes, desconsertantes, constrangedoras, desafiadoras, fascinantes que, com tantos outros "antes" sintome obrigado a falar de parte delas depois.

No momento, vamos tratar de um episódio dos tempos do menino reyzinho, sobre um desafio que aceitou e, como se verá noutros momentos, R.Q. nunca pecou por omissão, mas, por isso mesmo, entrou em cada confusão, em cada fria. Esse seu comportamento destemido era percebido pelos amigos desde cedo, daí a ele serem sempre dirigidos desafios que criança alguma, com um pingo de juízo e um dedo de medo, aceitaria. Mas era marrudo, invocado, um capeta em forma de guri – talvez os Incríveis tenham se inspirado nele quando da composição da sua famosa música, e assim não fugia das encrencas. Pois a primeira confusão de que se tem notícia, em que se meteu ainda garoto, foi essa na qual quase viajou para outra esfera, para a cova mesmo. Isso só não aconteceu porque ainda não tinha chegado sua hora. Jogava pelada nas ruas vizinhas à sua casa com a molecada toda descalça e de sua faixa etária, por volta de 6 anos (naqueles tempos a rua era o parque de diversões para qualquer idade). Depois de uma hora e meia de pelada com bola de meia, todos cansados, alguém falou em se refrescar nas águas do rio, a quase 200 metros dali. Foi a senha para que alguém, de quem nem quero me alembrá, lançar um desafio ao moleque serelepe lepe-lepe, levado da breque, o mais ligeiro dentre eles. Pular no rio para provar se a água era boa de refrescar. Dai todos o seguiriam. Será? O certo é que o queixotinho correu até a ponte, desafiado que fora por um par de "muy amigos" a nadar nas águas do Tamanduá, rio que coleta quase todo o esgoto canalizado de Manguá – não eram águas mas um caudaloso líquido ("O Líquido de Manguá"), cuja fórmula química fora finalmente desvendada em pesquisa no LAI (laboratório atrás da igreja) que levou alguns anos: H2OCuFeCO2 – não é criação minha, porque de química também nada sei. Nessa composição temos: H2O – água; Cu (ou cuprum em latim) – Cobre ; Fe – ferro; CO2 - gás carbônico. Nome científico: Manguaçanabis! Essa tal fórmula tem certa correlação com a "marvada cana brava", mas não há comprovação científica para tal afirmação, restando apenas opinião popular por conta do número de alambiques da região. Quem sabe, sabe que a tabela periódica de química não deve contar com alguns outros elementos encontrados naquele líquido pastoso.

Pois bem, R.Q., na época, "r.q.", bem minúsculo, o quexotinho, aceitou o desafio e não pensou duas vezes, melhor, sequer pensou uma e do jeito que vinha correndo, com calção, camiseta, cara e coragem, tchibum, pulou dentro do rio (sempre gostou de pular). Sentiu que fez uma tremenda besteira e, de início, afundou e engoliu uma bom bocado daquilo de sabor intragável e de cheiro nauseabundo. Sentiu que, certamente, aquele líquido não tinha absolutamente nada a ver com a sopa de cebola da nonna, da qual costuma reclamar (não da Ema, mas da sopa). Pois é, a cabeça não pensa, o corpo todo padece. Pena que dessa lição todos esquecem e erros se repetem dia após dia.

Ficou se debatendo e gritando em vão, quando, sem ação, afundou pela segunda vez. Novamente comeu e/ou bebeu uma porção de algo com forte cheiro daquilo que ainda não se sabe bem o que é.

Não adiantava se debater, gritar, implorar, amaldiçoar, porque naquele líquido nem bicho do mato conseguia nadar. Alguém, não se sabe quem, viu e berrou até cansar "Quexotinho caiu no Rio". Foi o suficiente para atrair muita gente para a beira do rio. Todos assistentes. Certamente estava prestes a morrer e, antes de afundar pela terceira vez - pela crença popular, a última - foi agarrado pelo pescoço por um moço que ouviu tantos gritos e aproximou-se, não para ver, mas para ajudar. Seria seu anjo da guarda? Quexotinho foi salvo pelo gongo. Ricardo, um transeunte que, por sorte estava sóbrio, egresso que era da Clínica Bairral de Itapira, e por perto passava naquele instante. Bem ligado, teve a sensação de que ali uma vida seria desligada do nosso jogo. Saltou imediatamente no rio a tempo de salvar o "r.q." que, quase sem fôlego e em petição de miséria, mal conseguia respirar e muito menos falar, que dirá agradecer. Totalmente perdido, tentava saber onde estava. Pelo que r.q. depois contou, o rio era imundo, sem luz e não tinha visto nenhum peixinho no fundo, o que entendeu ser o fim do mundo. Na verdade, dentro daquele rio, vivos mesmos, só o r.q. e o Ricardo.

Ao sair das fétidas, pútridas, putrefatas águas, Quexotinho, totalmente sem graça, via e ouvia aplausos vindo de uma multidão de 20 ou 30 pessoas às margens do rio – para aquela cidadezinha, 30 pessoas reunidas formavam uma multidão. Aplausos que, certamente não eram a ele dirigidos.

Após esse triste episódio de sua vida, "r.q." sentiu que nasceu de novo. Em sua nova vida, água só como bebida e, de preferência, fervida. Passou a semana inteira tomando, todo dia e o dia todo, um chá de losna (erva-do-fel, alenjo ou erva-dos-vermes). Recomendação: Beba sem moderação!

Em sua família, "il salvatore" perdeu o sobrenome e passou a ser chamado de Ricardo Coração de Leão (só por coincidência, já que ninguém da família Quexoto tinha a menor ideia de que antes existira um Ricardo bem famoso, o Ricardo I, rei da Inglaterra entre 1189 e 1199, apelidado de Ricardo Coração de Leão, em função de sua coragem). Vivendo e aprendendo. Vivi e impara

Na cidade, além de todo documento de identidade que carregava nos bolsos, Ricardo perdeu também nome e sobrenome. Ficou conhecido como o destemido Grande Herói de Manguá.

Quexotinho passou a ser conhecido como o Rey do Tamanduá – quando o chamavam assim morria de raiva e sentia certo arrepio só de se lembrar do fundo do rio. Enquanto isso, o Herói Manguaense, o salvador, era saudado por todo lado, por onde quer que passasse, famoso por sua bravura. Desdobramentos e consequências na vida dos dois ficarão para depois.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert
Fotografia – José Cláudio Faraco
Direção financeira – Charles Cétolo
Secretário de Redação – José Carlos Grossi
Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

SEIS ESTÁGIOS DE UMA LUZ INTERIOR

MATHEUS ZUCATO

Lembro-me de entrarmos no restaurante, famintos. Seus fios brancos faziam dos meus tão negros que o contraste forjava um filme preto e branco estampado em nossos semblantes. Ele tinha a pele branca e muito suave, algo que dá certo medo de tocar e a pele se desfazer em nossos dedos, dedos jovens a esmigalhar a velhice que é o destino natural. Entramos e escolhemos um lugar próximo ao banheiro: um acordo em comum desde os tempos em que a bexiga já não era mais aquela das festas de infância, dos litros de guaraná que ele tomava e vertia só à noite, quando a mãe mandava entrar para tomar banho. Vovô me contou sobre como eram diferentes os tempos. Como os restaurantes pareciam mais aconchegantes em sua época e hoje tinham um ar de que gostariam mais que os clientes comessem e fossem logo embora. Disse também que, em seu tempo, o dono do restaurante colocava a família toda para ajudar, de modo que o negócio era familiar, e por ser familiar, dava o tal aconchego de que há pouco falava, pois se construía assim uma fidelidade que transpassava o âmbito cliente-restaurante e atingia a família que o possuía. Após fazer uma pausa, meu avô perguntou o que nós iríamos pedir para comer. Estranhei e disse que já havíamos pedido o nosso almoço. Apontei no cardápio em que ele apoiava os braços e ele abriu um sorriso dizendo que aquele era um ótimo pedido, e que comeríamos bem.

Algumas semanas se passaram desde o restaurante. Fomos visitar vovô e vovó em sua casa, e, por coincidência, vovó fazia sopa de mandioca, que foi o prato pedido no restaurante. Contei a ela de tal coincidência, e ela respondeu que vovô adorava aquela receita. No rosto dele pairava um ar de concentração, como quem tenta lembrar-se de algo do passado, mas acaba com imagens distorcidas da memória em questão. Ele me perguntou quando havíamos ido ao restaurante, e respondi que há algumas semanas, talvez três ou quatro. O restaurante era aquele velho casarão revitalizado da antiga família Rodrigues. Ele terminou confirmando que sim, já havia comido muitas vezes naquele restaurante antigo e que o aconchego era tamanho que lá podia sentir-se quase que em casa.

Na Páscoa, recebemos a visita deles. O Ford Corcel, que de nenhuma maneira abandonavam, podia ser ouvido na frente de casa, de modo que já adiantávamos os passos para recebê-los. Vovó dirigia e saiu do carro sussurrando ao marido, de maneira irritada,

que não estavam indo ao restaurante dos Rodrigues, que ali era a casa da filha, e que estavam visitando para celebrarmos juntos a Páscoa. Ele pediu desculpas com aquele mesmo sorriso embaraçadamente bonito com que demonstrou gostar do prato que comemos no restaurante. Sentado à mesa, vovô contava-me que certa vez assistiu uma partida de futebol num estádio que ficava no litoral, e que seu time havia ganhado do Peñarol, aquele clube famoso, e que não se lembrava para que time Pelé havia jogado, pois as duas torcidas o aplaudiam. Em seguida, nossos rostos tomaram um ar entristecido quando vovô perguntou se demorava muito para que algum garçom nos atendesse.

Consternado, certo dia liguei para vovó antes de visitá-los. Percebia a urgência da vida naquele casal. Queria extrair tudo sobre aquele homem bonito de olhos azuis e cabelos brancos que adorava contar sobre o passado. Sabia eu do momento em que nos encontrávamos, e, portanto, era prudente a decisão de ligar antes. Vovó me atendeu com a voz trêmula e disse que ia para um lugar mais silencioso para conversarmos. Não precisei perguntar, pois aquelas mãos suaves não puderam esconder o som do homem que gritava nos fundos, "Onde está meu prato? Será que ninguém sabe fazer um almoço simples num restaurante? Rodrigues! Rodrigues! Tem uma senhora nova trabalhando no restaurante?! Manda trazer minha sopa que tenho fome!". Vovó explicou-me que talvez não fosse o melhor momento para visitas.

Mesmo que vovó não quisesse, eu tinha de ajudá-los. Mamãe foi comigo algumas vezes, mas percebi o quão difícil era para ela perceber aquele estado em que se encontrava seu pai. Na última vez em que fomos juntos, ela chorou junto de vovó, enquanto fui até o quintal dos fundos pedir ao vovô que entrasse, pois escurecia, e ele respondeu, "meu filho, o papai precisa colher a horta pra levar pro restaurante. Eles estão passando necessidade. Nessas horas é preciso ajudar. É preciso ajudar. Você não tinha uma partida contra o Peñarol hoje? Não vai abandonar o time, rapaz. Eles estão passando necessidade. Nessas horas é preciso ajudar. É preciso ajudar."

A última vez em que vi vovô em sua casa, ele estava deitado no sofá enquanto na televisão rodava um DVD com jogos do Santos Futebol Clube, da década de sessenta. Os olhos de vovô não desviavam da televisão, pois tudo aquilo era claramente novo para ele. Percebia que ele estava nervoso com o placar, e de vez em quando resmungava "Cadê o Rodrigues que não entra logo fazer dupla com o Pelé?". Um vazio pairava em sua frente toda vez que ele piscava e percebia pela primeira vez o mundo que disputava lugar entre o preto e branco e as cores da sala. Eu tinha de tentar resgatar ao menos uma palavra dele

para mim, que fosse a última, mas que fosse dirigida a mim, seu neto. Chamei-o. Ele olhou para mim e me cumprimentou como quem cumprimenta um estranho no bar. Eu disse "oi, vovô, sou eu, seu neto Jorge". Seus olhos não desviaram da televisão, e, para minha tristeza, pude ver o canto de sua boca esboçando uma réplica muito crua daquele mesmo sorriso com que se desculpou no restaurante na última vez em que éramos avô e neto.

Conto publicado originalmente no livro "Realidades Rompidas", e analisado no Núcleo de Pesquisas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

1970 – UM ANO MUITO ESPECIAL E INESQUECÍVEL

L. A. GENGHINI

Nascido em 1952, em 1970 completei 18 anos enquanto trabalhava nas lavouras de hortaliças e tomates dos Izumi, a família de japoneses que anos antes havia vindo de Indaiatuba, SP, para se estabelecer no sítio do Oscar Donha a fim de lavrar a pastagem dominada pelo sapé e de lá tirar caminhões de tomates, pimentões, berinjelas, ervilhas e outras especialidades.

1970 era o ano do CENSO, cuja contagem testemunhal foi feita nas residências com o preenchimento de longos questionários, baseados em longas e, nem sempre confortáveis, entrevistas. A Prefeitura, por intermédio do Departamento de Geografia e Estatística sob o comando do Professor Pascoal Andreta, havia recrutado e treinado os recenseadores e a cada um caberia uma quota do município, previamente dividida, de acordo com a zona urbana e os bairros rurais, respeitando as vias de acesso por meio de estradas secundárias.

Vários cidadãos monte-sionenses se habilitaram no processo de seleção, receberam treinamento, se informaram de suas quotas e foram à luta. Me lembro de dois deles: o Zé Edgard, que tinha um jipinho 51 e o José Cláudio Faraco, que tinha "a cara e a coragem". À medida em que o dia do início chegava cada qual se preparava à sua maneira. Claudio Faraco, meu amigo "de e para" sempre, havia planejado fazer a corrida montando um pangaré branco e barrigudo, que alguém havia lhe emprestado, o qual pastava nos quintais da Porcelana Monte Sião, um gramado de picuia que era uma beleza.

Como parece que a coragem do Cláudio deu uma balançada diante do tamanho de desafio assumido, às vésperas ele me convidou para acompanhá-lo, mediante a promessa de repasse de parte dos "honorários". Eu prontamente aceitei, pedindo licença de uma semana aos japoneses.

O Cláudio não imaginava que aquela parceria inusitada e improvisada estaria mudando para sempre os rumos de minha vida pessoal e profissional.

Chegado o dia do início apresentei-me ao "patrão" Cláudio, na hora combinada, e fui informado de que a montaria estava no quintal da Porcelana. Fomos até lá e as surpresas começaram: Só tinha uma montaria, portanto um de nós (eu) deveria seguir a pé; o Cláudio não sabia cavalgar e nem sabia encilhar/arrear o pangaré, tarefa que me foi atribuída; o arreamento (sela) estava em péssimas condições e ao apertar a barrigueira os loros (tiras de couro) começaram a estourar, inviabilizando a opção de utilização da montaria naquela empreitada.

Nossa quota era composta pelos bairros Grotão, parte da Batinga e da Guardinha, cujas estradas principais eu já conhecia, contribuindo para facilitar nossa orientação.

Inviabilizada a utilização do pangaré, houve um momento de indecisão e uma certa crise de frustração que quase pôs fim ao nosso projeto (a estas alturas já era meu também). Então, acostumado a caminhadas e ao duro trabalho na roça, incentivei o Cláudio, argumentando que poderíamos fazer todos os trajetos a pé. Logo, logo, aprumamos para o lado do Grotão, quando já era umas 10 horas da manhã e alguns recenseadores já estavam comemorando a conclusão da coleta dos dados de suas respectivas quotas.

Saímos, ambos, estrada afora, totalmente à deriva, sem nenhum lanche e nenhuma garrafa de água, contando com a receptividade e a hospitalidades dos brasileiros que, imaginávamos, iriam nos acolher, oferecer água e até umas "boias" para enchermos os buchos.

Era mês de setembro e a Seleção Brasileira estava na campanha do tricampeonato, no México. A temperatura era agradável, mas o sol estava sempre escaldante, portanto, todas as árvores ofereciam confortáveis oportunidades para refrescar o couro e um breve descanso.

Caminhamos de casa em casa, num longo hiking (caminhada rústica) e aos poucos o Cláudio foi se adaptando e pegando gosto. Hoje em dia é um viciado em caminhadas e anda o dia inteiro pelas vias da cidade.

O serviço começou a render. Visitamos casas, fizemos o trabalho, ouvimos histórias, proseamos com o pessoal e filamos almoços, jantas e café com broa e pão caseiro. Nos limites da Batinga com a Guardinha fizemos refeições na casa de uma filha do Rico Genghini que tinha umas moças muito bonitas e educadas. Gostaria muito que elas se lembrassem e me procurassem porque sinto saudades de ter encontrado parentes a quem eu não conhecia e que foram tão gentis conosco. Pousamos na casa do Raul Alfredo, na Guardinha, onde recebemos tratamento de "visitas", ouvimos os discos de causos/piadas do Barnabé e na manhã seguinte acompanhamos, com a família, pelo rádio, um importante jogo da Seleção Brasileira que seguia rumo ao tricampeonato, fato que sempre permaneceu em nossas recordações e em nossas manifestações de gratidão.

Ainda na Guardinha, e já no final de nosso périplo, visitamos um casebre onde morava o Sr. Armando, um negro de descendência de antiga nobreza, que havia sido professor de alfabetização no bairro, numa época que os alunos tinham aulas em casa.

Sr. Armando era a polidez em pessoa, de fala mansa, tranquila, serena e segura. Transitava por diversos assuntos, com a segurança de quem viveu toda a vida naquele recanto, e que, certamente lá viveria seus últimos dias. Em certo momento Cláudio acabou dizendo que era neto do Pelegrino Tortelli, figura lendária da imigração italiana a Monte Sião e quase matou o Sr. Armando do coração porque eles, Armando e Pelegrino, haviam se conhecido e até trabalhado juntos. Muita prosa, saudosismo e recordações rolaram naquele interregno, enquanto conversaram. Realmente, o Cláudio estava na "toca" de seu nonno e além de emocionado ficou muito impressionado com aquele senhor, que já tendo cumprido quase toda a missão da vida, continuava sua existência pacata em harmonia com o seu ambiente, motivando-o, o Cláudio, a escrever um texto-documento num caderno brochura de 30 páginas, que, infelizmente, perdeu-se no tempo.

Concluídas as entrevistas das famílias que estavam em nossa quota, retornamos à caminhada a pé de volta a Monte Sião. Foi num trecho descampado que encontramos um touro desgarrado, perdido no caminho e "investindo até na sombra". Foi o suficiente para exercitarmos nossas habilidades de subir barrancos, passar por baixo de cerca de arame farpado e dar no pé. Sorte a nossa que nessa hora passava, no sentido Guardinha – Monte Sião, o caminhão da Porcelana, acho que é o Chevrolet que ainda fica exposto na entrada do restaurante em frente à Porcelana, dirigido pelo Lim (Gentil Ruiz) filho do tio Pedrinho Espanhol, que acolheu nossos desesperados apelos e nos levou de volta à cidade.

Fim do trabalho, talvez tenhamos sido os últimos a concluir a tarefa, fim da aventura que durou uns três dias e duas noites.

As coisas deveriam voltar ao normal, eu deveria retornar à roça dos japoneses e a vida seguiria seu rumo. Qual nada! Eu me sentia empoderado, estava diferente, confiante e experimentando uma sensação nova de que, se quisesse, poderia fazer alguma coisa além do que já fazia e dar cordas a antigos sonhos de ganhar o mundo, regados a filmes assistidos no Cine Brasil e as páginas de livros lidos.

Foi então, que no Bar dos Amigos, do Germano Righeto e do Zé Pissica, o Toninho do Oscar e eu encontramos o Harlon Santos que na época tinha deixado um circo-rodeio para ficar morando em Monte Sião, trabalhando na Rádio Difusora, antigo sonho do Frei Pio e do Dito Virgílio. O Harlon convidou o Toninho para fazer teste de locutor ... o Toninho não quis e eu me ofereci. Depois de um longo processo de aprendizagem e superações, lá estava eu – locutor da Difusora!

O Brasil ganhou o tricampeonato, o Cláudio, quando recebeu os honorários, veio logo trazer a minha parte, eita! homem de palavra! Os eventos foram se sucedendo e eu ganhei o mundo em busca de meus sonhos e de minhas aventuras. Valeu a pena, cada minuto!

Tudo começou como auxiliar de recenseador do Professor José Cláudio Faraco, no CENSO 1970. Não dá para esquecer aquele Ano!

Até qualquer hora, pessoal!

QUANDO FICAMOS DOENTES

- REFLEXÃO E RECOMENDAÇÕES

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

O pajé foi sempre uma figura importante para os indígenas. Considerado um sacerdote com poderes sobrenaturais de prever o futuro, expulsar espíritos malignos e até curar doenças. As benzedeiras também são mulheres especiais que conseguem curas milagrosas com simples ervas e muitas rezas, tantas vezes associadas ao "curandeirismo". O fato é que tudo isso funciona, de certa forma. Até na própria evoluída medicina (você deve conhecer algum caso) chega um momento em que se diz que "agora só depende de Deus". Este texto não é para ensinar, é para refletir. Se tiver paciência para ler, faça depois suas próprias considerações.

Recentemente fiquei doente (gripe, virose ou coisas do tipo). Passei maus bocados por mais de uma semana. Demorei em tomar as medidas certas. O brasileiro é muito conhecido por recorrer à automedicação quando adoece. Primeiramente, porque os planos de saúde são caros e a maioria não possui. Segundo, porque as consultas médicas custam bastante. Por fim, porque os medicamentos são caros mesmo. Então, para economizar, costuma ir à farmácia e adquirir "medicamentos comuns" à situação pela qual está passando. Aparentemente nada graves, como febre baixa, dor de garganta, tosse irritante, dores nas costas ou joelhos, um pequeno corte, entre outros.

Muitas vezes antes da farmácia, pede ajuda a algum parente ou vizinho que já tenha passado por situação semelhante. E lá vêm os "remedinhos caseiros" como diversos tipos de chá, uma pomadinha que já usou, uma sopa bem quentinha e tomar muita água durante o dia e sol pela manhã. Simples assim. Preciso registrar que, tanto o farmacêutico quanto os vizinhos ou parentes não fazem "nada de errado". Apenas tentam ajudar. Afinal, quem os procurou foi o próprio doente. Situações relacionadas aos dentes e aos olhos são mais complicadas. Quase impossível não procurar um profissional da especialidade. Com crianças, então nem pensar.

Compreendo perfeitamente as dificuldades financeiras das pessoas. Mas entendo também que o "barato pode sair caro". Saúde não tem preço. Uma pessoa doente não consegue fazer nada. E se faz, o faz com bastante sacrifício, por pura necessidade. Senão, não faria. Reconheço a limitação financeira para se ter um plano de saúde e comprar remédios. Então, dentro do possível, procure economizar algum valor para este tipo de necessidade. E procure ter uma boa saúde! Fica mais barato, realmente!

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA PNEUS
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

TEM GUARU NO LEITE

ERALDO HUMBERTO MONTEIRO

O guaru, também chamado de barrigudinho, é uma designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, ciprinodontes, das famílias dos ciprinodontídeos e dos rivulídeos.

Os machos têm a nadadeira anal transformada em gonopódio; as fêmeas, o ventre muito volumoso, donde lhes veio o nome.

Vivem com muito pouco oxigênio; são ovovíparos, e, em geral, iliófagos e larvófagos.

As espécies dos gêneros Lebistes e Cambusia, e a espécie L. Reticulatus (Peters), são utilizadas pela Saúde Pública para destruir larvas de mosquitos, tendo sido as duas últimas importadas para o Brasil com esse fim.

Que baita definição do "Aurélio" para falar dum bostinha de peixinho à toa num caso tão singular.

Sabe-se que o leite, aquele que tem gorduras, proteínas, lactose, vitaminas e sais minerais, naqueles tempos de então, aqui no lugarejo, era distribuído, casa a casa pelo leiteiro.

Detalhes: uma Kombi branca e descadeirada, latões próprios para o estoque, uma lata de óleo de cozinha (vazia é claro) pra medida do 1 (um) litro do divino produto.

Conta-se como verdade verdadeira que, certa vez, o Landinho, dito cujo leiteiro, foi chamado à chincha (interpelado) por Dona Maria, uma antiga e costumeira freguesa.

- Que barbaridade Landinho! Ontem, tinha um guaru no seu leite.

Pelo que, o leiteiro, famoso pela presença de espírito, retrucou:

- Quê ô quê, Dona Maria! Queria encontrar uma carpa de quilo e meio pelo preço que paga pelo leite?

Dizem as más línguas e as boas também que encontrar um guaru no leite do Landinho era um acontecimento acidental, mas que ele punha água no leite, punha. Só que ele saía com essa.

- Mas a água é mineral, Dona!

O CIRCO DO RICO SEGUNDO

ROMILDO LABIGALINI

Henrique Genghini, mais conhecido como Rico Segundo, casou-se com Augusta Armelim e tiveram 9 filhos: Lacir, Maria, Regina, Raimundo, Mário (Mana), Sebastião, Neusa, Alice e Francisca (Chiquinha). Naquela época ele morava em seu sítio no Bairro do Tanque e os filhos o ajudavam na lida do campo e do gado. Mana, com 10 anos já carreava com seu pai e também ajudava a lavrar a terra para o plantio, e o arado era puxado por um cavalo.

Mana, ainda criança, montava em seu cavalo e levava milho para trocar com fubá no sítio do seu avô Raimundo, que tinha um rodão d'água, com pedras de mó que trituram o milho, transformando-o em um finíssimo fubá. O menino gostava muito de observar o rodão que ficava girando.

Depois que os filhos cresceram, Rico mudou-se para Monte Sião, residindo na Rua da Saudade. Ele era o cabo eleitoral do farmacêutico Mário Zucato nas eleições para prefeito. Mário Zucato, do PSD, sempre ganhava dos adversários da UDN. Na época das eleições, Rico saía pelas ruas para pedir votos ao seu candidato e quando encontrava com alguns amigos adversários, brincava "insultando": "Olha o tufo! Olha a bucha!"

Na década de 60, Rico resolveu montar um pequeno circo de rodeio, somente com touros, para alegrar as tardes de domingo. Conversou com seu amigo Adalgiso Volpini, proprietário de uma área de pastagem perto da caixa d'água e teve permissão para a montagem do circo. Seus filhos Lacir e Mana, já adultos, montaram o cercado com fortes mourões. Não tinha arquibancada e não cobravam ingresso. Era somente para diversão.

Convidaram seus amigos Zé Gordinho, Nelsinho Dorta e Pechinha para participarem do rodeio. Zé Gordinho, solteiro, vestia-se a caráter, com roupas pretas, chapéu, botas e uma faixa vermelha na cintura. Era ágil, capeava e montava nos touros. Nelsinho Dorta montava e ajudava nos bretes. Chiquinha, irmã do Lacir e do Mana era corajosa e montava também. Pechinha era o humorista do circo, vestia-se com roupas coloridas e atuava como "salva-vidas" dos toureiros. Como ele era baixinho (1,50 de altura) e magrinho, ao invés de salvar os peões, estes eram os que o salvavam. Muito corajoso ele também montava nos touros e como era muito leve, no segundo pulo já estava no chão. Nas manhãs de domingo, ele era o "locutor" do rodeio. Vestia-se de palhaço, montava em um burrinho velho, saía pelas ruas e usava um berrante do Rico como se fosse um alto-falante e anunciava: "hoje tem, hoje tem?", e a criançada respondia "Tem sim senhor", "tem o circo do Rico?", "Tem sim senhor". De vez em quando caía do burrinho para divertir a criançada.

Lacir e Mana eram fisicamente muito fortes, toureavam e montavam. Mana era tão corajoso que agarrava o touro "a unha": ajoelhava-se e, quando o touro investia, ele o agarrava pela cabeça e a platéia delirava. Esses dois irmãos compravam e vendiam gado.

Rico Segundo organizou uma congada, e convidou diversos amigos que entendiam dessa tradicional dança do Congo. Eram 30 elementos e formavam 15 pares, um em frente do outro para baterem as espadas. Como eles não tinham a referida espada, improvisavam com pedaços de bambu e madeira perobinha que davam fortes sons nas batidas. Amarravam fitas coloridas nessas "espadas", e além das batidas faziam evoluções, sempre acompanhando as músicas de uma dupla de cantores. O Rico era o "ensaiador" e o local era em frente a sua casa. Nas festas os congadeiros se apresentavam com roupas coloridas, e as pessoas gostavam muito dessa exibição.

Lacir Genghini, com 92 anos é casado com Dolores Ruiz Genghini e reside em Americana. Mana, (Mário Genghini Sobrinho), com 82 anos, é casado com Odila Glória Genghini e o casal tem dois filhos: Giselda e João, mais conhecido com João do Mana. Eles residem em Monte Sião.

Quem é daquela época (eu também) guarda na memória a diversão que o Rico e os filhos nos proporcionavam.

Rico Segundo não está mais entre nós. Foi fazer companhia aos seus amigos toureiros Zé Gordinho e Pechinha.

Adeus Rico, você partiu, mas deixou muita saudade em todos nós.

Nota da Redação: Na 9ª Genghinada, em 30 de julho, estavam presentes o Tião do Rico, o João do Mana, O Rivaldo (Vado) e o Reinaldo, estes filhos do Lacir. O evento recebeu também como ilustres convidados o Romildo Labigalini, a esposa Nilza e o filho Marcelo com a família.

O GATO

JOSÉ CARLOS GROSSI

Todo gato que não existe é um formidável gato, pois o gato que também não tenho, a propósito, é um excelente gato. Que não me incomoda quando assisto televisão, nem me surpreende pedindo afago.

Foi minha total escolha em não ter meu gato no mês de março. Nem foi de difícil decisão, pois a companhia de meu silêncio já era o suficiente.

Contudo, o filme que assisti, O Gato de Botas, provocara risos em Olivia, a neta predileta para uma tarde de sábado. Então pensei na hipótese de comprar um gato azul de bolinhas brancas que miasse palavras em espanhol. Mas a atendente do petshop me informou ter acabado o estoque dessa cor. Aí implorei noutras possíveis combinações, mas a atendente Suzana também me deu mesmíssimas respostas.

Por fim me decidi num papagaio escarlate de listras turquesas. E qual foi minha surpresa? Também não haveria em estoque e nem se prontificou em verificar.

Assim percebi que meus desejos nunca seriam realizados. Pois todas as vezes que escolhi pássaros, peixes e gatos as notícias não foram agradáveis. Cheguei até a indagar de unicórnios.

Um elefante vermelho? Olivia, você está louca? Se não temos chances nem com gatos quanto mais com elefantes coloridos!

Lembro de meu pai ter-me dito que havia um galo nas bandas do Bamburral que cantava até explodir. Mas na manhã seguinte lá estava ele, novamente, cantando até explodir. E quando perguntei qual a cor daquele galo me respondeu que era a cor da alvorada.

Ainda tenho esperança de encontrar um gato excêntrico para me fazer companhia e recentemente me ocorreu a ideia de encomendá-lo no Mercado Livre. Quem sabe uma empresa de inteligência artificial me atenda. Um formidável gato holográfico que a todo instante mudará de cor como camaleão.

CINEMA PRA QUEM GOSTA DE CINEMA:

J. CLAUDIO FARACO

O VENTO NÃO SABE LER: com Dirk Bogarde e Yoko Tany. Um dos mais belos e comoventes filmes exibidos no saudoso Cine Brasil. Este foi exibido num dia qualquer do ano de 1963. Quem teve o privilégio de vê-lo, certamente jamais terá esquecido. Uma verdadeira obra de arte.

NO UMBRAL DA CHINA: Direção de Samuel Fuller, com a bela Angie Dickinson, Lee Van Cleef e Nat King Cole. Para relembrar: foi o filme que inaugurou o nosso Cinemascope, Cor de Luxe, nas telas do Cine Brasil, no dia 4 de Dezembro de 1960. A plateia simplesmente delirou com a grandeza da tela em Cinemascope, pois, na época, foi uma grande e generosa novidade para o público monte-sionense!

QUANTO MAIS QUENTE, MELHOR – De 1959, comédia das melhores sob a Direção do Mestre Billy Wilder, com a maravilhosa e sempre eterna Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon. Exibido em 1963, no Cine Brasil.

CIDADE SEM COMPAIXÃO – Direção de Gottfried Reinhardt, belíssima música de Dimitri Tiomkin, um dos compositores mais requisitados do cinema. Atores: Kirk Douglas e a bela Christine Kauffmann. Exibido no Cine Brasil em 5/Agosto/1965.Tema: na Alemanha do pós-guerra, quatro soldados americanos, bêbados, agridem e estupram a garota Kauffmann. Depois todos os quatro são presos e levados a julgamento. O filme, curiosamente é de 1961, mas já evidenciava uma misoginia latente e nojenta, pois os homens da cidadezinha demonstravam total solidariedade aos criminosos. O tema é forte, mas parece remeter aos dias atuais, diante do número pavoroso de casos semelhantes ou de pura agressão e morte, a covardia causadas por maridos ou namorados contra suas respectivas mulheres. *BEN-HUR* – Visto no dia 4/Maio/1963, bem no dia do meu aniversário e o filme foi exibido no cinema de Águas de Lindóia. Produzido em 1959, sob a Direção do grande diretor William Wyller, com Charlton Heston em ótimo desempenho, no papel principal e ganhador de um Oscar , junto ao Diretor, o fotógrafo Robert Surtees e o músico Miklos Rozsa. Detalhe: Os atores Rock Hudson, Marlon Brandon e Burt Lancaster, todos de primeira linha no cinema, recusaram o papel principal, que acabou dando a Charlton Heston o Oscar de melhor ator. Um filme soberbo, cenas inesquecíveis e interpretações magníficas. A TV, algum tempo atrás andou passando um Ben-Hur de baixa categoria que nem vale a pena comentar. Este *BEN-HUR* que comento agora, ficou internacionalmente famoso pelas belas interpretações, a condução da História, a fantástica corrida de bigas mais ao final do filme e diálogos perfeitos. Filme de nº 450, na minha cadernetinha:- *TAMBÉM O VENTO TEM SEGREDOS*. Com Hayley :Mills, exibido no Cine Brasil em 26/07/1964. Maravilhoso e terno filme britânico lançado em 20/07/1961, arrebatou vários prêmios e fez muita gente chorar de emoção.

Filme de nº 482 – O Milagre, com a maravilhosa Carol Backer, exibido no Cine Brasil em 1/11/1964 e marcou época pelo tema e pela impressionante beleza da atriz!

Filme de nº 481 – *JULGAMENTO DE NUREMBERG* – Direção de Yves Simoneau, exibido no Cine Brasil em 24/10/1964 – Tema: O longo e necessário Julgamento dos nazistas na cidade de Nuremberg, após o final da Segunda Guerra Mundial, pelos crimes cometidos por eles. De tirar o fôlego!

Filme de nº 569 – *FÚRIA NO ALASKA* – deliciosa e engraçadíssima aventura no Alaska, com John Wayne e a belíssima atriz Capucine. Exibido no Cine Brasil em 05/06/1965.

Filme de nº 576 – *O TIGRE DA ÍNDIA*, já comentado em jornais passados. Para quem não se lembra, foi o filme que calou o cinema de Monte Sião, com a beleza estonteante da atriz Debra Paget dançando em frente à uma cobra perigosíssima. O cinema ficou mudo e completamente calado! Exibido no Cine Brasil em – 20/06/1965. Filme nº 616: *MELODIA IMORTAL:* um dos mais belos filmes já vistos e Exibido no Cine Brasil , em 18/09/1965. Kin Novak e Victoria Shaw tiraram o fôlego de muitos com suas belezas incomparáveis! Um filme maravilhoso num dos mais belos romances do Cinema! Retrata a vida de Eddy Duchin, ele que foi o maior pianista americano de todos os tempos, interpretado por Tyrone Power este que, obviamente, não era pianista, mas foi dublado ao piano por Carmem Cavallaro que, apesar do nome feminino era homem e excelente pianista! Quem não viu o filme, não imagina o que perdeu...Até mais pessoal!

perfeitos, refinados e muito bem afinados, acabando por arrebatar onze oscar. É um filme que ficou para sempre na História do Cinema. Antes de assistir a algum outro filme canastrão com o nome de *BEN-HUR*, veja se o diretor é William Wyler. Se não for, esqueça e prefira ir à esquina mais próxima e tomar um sorvete ou um caldo de cana. Será bem melhor e mais proveitoso. Também vale citar o excelente papel de Stephen Boyd, no papel do cruel Messala. Messala e *BEN-HUR*, eram amigos de infância, mas acabaram por ficar inimigos porque BEM -HUR era contra o Império Romano e Messala a favor. A cena do acidente durante a corrida de Bigas entre BEN -HUR e Messala é impressionante e muito bem realizada.

TRAPÉZIO – passou no saudoso Cine Brasil em 1963. Com Gina Lollobrígida, à época considerada a Mulher mais Bela do Mundo. Diga-me quem viu o filme e não saiu apaixonado pela beleza estonteante de Lollobrígida, fortemente disputada por dois gigantes da Tela: Burt Lancaster e Tony Curtis?

A UM PASSO DA ETERNIDADE: Produção Americana de 1953, com Montgomery Clift; Burt Lancaster, e do Diretor Fred Zinnemann, de origem austríaca premiado com um Oscar; além de Debora Kerr (Oscar pelo desempenho) Montgomery Clift , além de outros grandes atores. Mais um belo filme que vimos no Cine Brasil em 1963, retrata os dramáticos dias que antecederam o ataque japonês a Pearl Harbor, durante a Segunda Guerra Mundial. Grande Clássico do cinema Americano que conquistou oito Oscar. No próximo número do Jornal, traremos outros filmes exibidos no Cine Brasil.

VIKINGS, OS CONQUISTADORES, de 1958, Direção de Richard Fleischer, com Kirk Douglas, Tony curtis, Janeth Leigh e outros. Belíssima superprodução movimentada e romântica, bonitas locações e excelente fotografia de Jack Cardiff. Um filme que, certamente, agradou a todos os que tiveram o privilégio de estar no cine Brasil naquele inesquecível 20/Janeiro/de 1961!!!

SUA MAJESTADE, O AVENTUREIRO, de 1954, com Burt Lancaster. Outro espetacular filme aventura com o ótimo Burt Lancaster. Produção de 1954 e que me marcou profundamente. Exibido no Cine Brasil em 1963.

TRANSFORMAÇÃO

JAIME GOTTARDELLO

A menina de pele negra tinha os olhos de um profundo azul. Herança trazida de séculos de misturas de povos que se perdeu no tempo e ninguém mais sabia dizer a ela de onde vinha aquela beleza exótica.

Se sentia feliz vivendo em uma casa simples longe das cidades cinzas e com ruídos e cheiros estranhos. Bastava seu grande quintal com muitas árvores e flores. A primavera era o seu mundo aguardado para acontecer no tempo certo das estações. E a sua felicidade era tudo o que fosse simples e lhe fizesse sorrir. No grande canteiro de flores ela via e sentia a mágica transformação da vida. Se encantava com o voo das borboletas recém despertadas em busca do sol, das flores e da completa transformação em meio às bromélias, lavanda, margaridas e lantana camará num balé frenético que só pode durar por pouco tempo. Mas felicidade mesmo era ver a lenta e mágica transformação das crisálidas em seu quintal se metamorfosearem em lindas borboletas.

A quem perguntasse a ela o porquê de tanta alegria ao ver essa transformação, passava horas citando de cabeça inúmeros motivos para sorrir ao ver a borboleta ganhar a liberdade.

Assim como a borboleta, ela sabia que também iria despertar a seu próprio tempo. Borboletas eram anjos que a faziam lembrar a todo instante a dádiva de estar viva. Jurava que ouviu uma borboleta Morpho Azul dizer ao Sol que as pessoas não param de se admirar de sua transformação, sendo que ela só pode fazer isso uma única vez na vida. As pessoas deveriam saber que podem, elas próprias, fazer isso a todo momento e de diversas maneiras.

Um dia a menina de pele negra e olhos azuis se metamorfoseou. Era a própria Morpho Azul, com suas cores e sua simbologia de mudança e renovação. Voou alto com a beleza e a graça de uma borboleta. Não se incomodou em ser lagarta antes de ser borboleta. O problema, diz, é que a maioria das pessoas não está disposta a ser primeiro uma lagarta.

Talvez a borboleta seja a prova de que podemos passar por muita escuridão e ainda assim haver a transformação em algo belo. Como sonhos de infância, que se soltaram de seus caules e escaparam para a luz do sol.

SOBRE O LIVRO "*A VOZ DO SILÊNCIO*", DE HELENA BLAVATSKY

DANILO ZUCATO ROBERT

Talvez este seja um livro um pouco menos conhecido que outros que já mencionei aqui. Assim como o Tao Te Ching, tinha iniciado a leitura desta obra, porém desistido no primeiro terço. Mas, desta vez, o li com mais paciência e com suporte de resenhas encontradas no YouTube, e pude começar a entender a magnificência deste livro. Assim, não podia deixar de trazer uma das reflexões que tive sobre ele aqui.

Publicado pela primeira vez em 1889, o livro é uma coleção de três fragmentos de um livro budista tibetano nunca traduzido ao ocidente chamado *O Livro dos Preceitos de Ouro*. Ele aborda uma variedade de tópicos relacionados à filosofia moral, à busca espiritual e à natureza da realidade. A seguir, trago alguns trechos e em seguida, uma reflexão sobre estes trechos.

"Não julgues que, vencidos os pecados de tua forma grosseira, ó vítima de tuas sombras, teu dever esteja cumprido para com a natureza e o homem."

"Os benditos seres desdenharam tal conduta. O Leão da Lei, o Senhor da Misericórdia (Buda), percebendo a verdadeira causa do sofrimento humano, imediatamente abandonou o doce mas egoísta descanso dos tranquilos desertos. De um "eremita isolado", ele se tornou o instrutor da humanidade.

"Para alcançar o Nirvana (estado de libertação final, de paz e plenitude), é mister alcançar o autoconhecimento, e autoconhecimento é filho de atos amorosos."

"Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. (...) Adotar a humilde veste de quem alcançou o Nirvana, mas escolheu permanecer no mundo para ajudar aos menos instruídos, é abrir mão da bem-aventurança eterna para o Eu, a fim de ajudar a salvação do homem. Alcançar a bem-aventurança do Nirvana, mas renunciá-la, é o passo supremo, final - o mais elevado na Senda da Renúncia."

Em resumo, percebe-se que as frases acima revelam uma profunda mensagem de compaixão dos seres iluminados para com os seres menos instruídos. Não é exatamente isso que vimos em outras filosofias e religiões?

Na Cabala judaica, um dos princípios transcritos no livro de Yehuda Berg (*O Poder da Kabbalah*), por exemplo, é: "Ama o próximo como a ti mesmo. Todo o resto é comentário (...)"

Jesus, quando questionado sobre mandamentos, disse: "O segundo mandamento é este: Amarás teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este". Segundo a continuação desta passagem bíblica, um escriba ouve as palavras de Jesus e lhe diz "[este mandamento] vale mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios", e Jesus, vendo que ele respondera com inteligência (ou sabedoria), diz-lhe "tu não estás longe do Reino de Deus". Não é muito próximo dos trechos do livro A Voz do Silêncio?

No livro *O Caminho da Tranquilidade*, de Dalai Lama, temos boa parte da obra trazendo a mensagem de que a tarefa do homem é ajudar os outros: "Este é o meu ensinamento mais constante, esta é a minha mensagem. É a minha crença (...)". E continua: "O fundamento de toda prática espiritual é o amor (para com os outros). A verdadeira compaixão é livre de veiculações (...). Não é este ou aquele caso em especial que estimula a nossa piedade. Não escolhemos esta ou aquela pessoa como objeto de nossa compaixão. A compaixão é desperta espontaneamente, é incondicional, sem qualquer expectativa de vir a receber algo em troca. E é de alcance universal. Sentir compaixão não é o bastante. É preciso agir (...). Se sua motivação é pura e sincera, todo o resto vem por si. Você pode desenvolver esta atitude correta para com seus semelhantes baseando-se na bondade, no amor, no respeito (...)"

Mais uma vez, vemos que diferentes caminhos nos conduzem à mesma mensagem.

OUTROS VERSOS PARA UMA VELHA CANÇÃO

VALDO RESENDE

A letra de um samba de 1930, autoria de Vicente Paiva e Anibal Cruz, tem esses versos na música gravada por Carmen Miranda: "Cantei em São Paulo, cantei no Pará / Tomei chimarrão, comi vatapá...". Numa tacada são quatro citações de quatro regiões brasileiras que, penso, deveriam estar entre possíveis destinos de todos nós. Longe de um ufanismo fora de hora, a questão mesmo é a beleza e a diversidade ambiental da nossa terra que, infelizmente, valorizamos pouco, conhecemos menos ainda e, talvez por isso, mal cuidamos. Essa introdução se justifica no fato de a Amazônia estar em foco neste momento.

Em Belém, a capital do Pará, se discute na Cúpula da Amazônia os problemas e o futuro da região visada pelo mundo inteiro. Uma mega floresta, imensos recursos hídricos, outro tanto de possibilidades em extração mineral, uma rica fauna... E, da maior importância, a presença dos donos da terra, os povos originários em constante ameaça pela ganância dos ditos civilizados. Há que se cuidar da Amazônia! Para além das nossas fronteiras, toda a Amazônia. E para o desenvolvimento sustentável da região é preciso considerar a estrutura necessária para que seus 50 milhões de habitantes tenham uma vida digna.

Quando penso na Amazônia me vem outras regiões, outros ecossistemas. Penso nos Pampas gaúchos, no Pantanal mato-grossense, na Caatinga nordestina, no Cerrado do centro-oeste e, guardando milhares de quilômetros da nossa costa, a diversa paisagem litorânea da Mata Atlântica, além das nossas belíssimas praias. Tanta riqueza merece pelo menos uma visitinha ao longo da vida. O planeta é maravilhoso e é lícito querer conhecer o deserto do Saara, as montanhas do Himalaia, descer o Danúbio, caminhar pela Muralha da China. Mas, seria possível incluir nos roteiros de futuras férias esse Brasil, rico e diverso? Antes que ele acabe.

Parece exagero afirmar o risco do fim. Mas não é. Uma cidade como São Paulo, para exemplificar, não conta com um único córrego despoluído. Esses mesmos córregos que contribuíram para poluir os principais rios que cortam a capital, o Tietê, o Pinheiros e o Tamanduateí. As margens plácidas do Ipiranga, cantadas cotidianamente em nosso hino, ficaram na história. E assim como o riacho histórico, carece cuidar para que no futuro não estejam somente na história nossa fauna e flora. Se o caro leitor acha que estou exagerando solicito ao distinto que enumere quantos pés de pau-brasil já teve oportunidade de ver? Poderia colocar nessa solicitação também alguns outros "pés": Jequitibá-branco, Ipê, Araucária, Mogno... Já perdemos tanta coisa!

Nossa diversidade sofre por ações de gente ignorante e inconsequente, algo que herdamos de quando o país foi invadido pelos portugueses. O desmatamento desenfreado começou com a exploração do pau-brasil, assim como a monocultura que empobrece a terra teve início com os canaviais do período colonial. A exploração mineral, desde o ouro encontrado em Minas Gerais, segue rumo a outros países que enriquecem seus cofres e, por exemplo, com o ferro, importam o minério para nos vender produtos industrializados. Hoje sofremos o avanço indiscriminado do tal Agro que repete erros já conhecidos. Se as pessoas buscassem o motivo de a China não plantar soja descobriria que o cultivo indiscriminado não paga o prejuízo que temos e teremos por conta da água potável necessária para tal cultivo. Quanto ao desmatamento e às queimadas, o calor vigente responde já sobre as consequências que, a ciência alerta, irão piorar.

Para tudo há conserto, diziam nossos avós. Sai caro! Além do que já foi gasto para despoluir o Tietê, o governo de São Paulo promete investir R$ 5,6 bilhões para despoluir o rio. Essa promessa vem de outros governos e nada nos garante que será cumprida. Assim, deve levar algumas décadas para que paulistanos possam voltar a pescar, navegar e nadar em seus rios. Quanto nos custaria recuperar a Mata Atlântica? E se for necessário recuperar o Cerrado, o Pantanal, a floresta Amazônica? Haja imposto para tanto! E resta saber se haverá vida e saúde para isso.

"Cantei em São Paulo, cantei no Pará / Tomei chimarrão, comi vatapá..." são os versos da canção e sugiro outros mais: nos deliciarmos com as cachaças das montanhas de Minas, o sol de Ipanema e, se a gente fizer tudo direitinho com nosso país, poderemos até caminhar novamente sob a garoa paulistana. Mais, muito mais! Dançar com as prendas do sul e sambar o samba de roda do recôncavo baiano. Comer arroz com pequi em Goiás, arroz de cuxá ouvindo os tambores de crioula do Maranhão, arroz de carreteiro no Pantanal... Arrematar tudo com uma caldeirada de tucunaré com a paçoca de Tocantins. E para que toda essa possível festa tenha razão de ser é necessário que cada região esteja bem cuidada, inteira, nos propiciando o que há de melhor.

Nas próximas férias, que tal programar conhecer ou visitar uma das nossas reservas ambientais? Enquanto as férias não chegam, que tal nos mantermos alertas para agir em prol da diversidade brasileira? Um apoio necessário para que esse país "lindo e trigueiro" continue sendo abençoado por Deus.

O canto da Poesia

PSEUDÔNIMO

Mudei
de nome
pra me esconder
de mim

Gastei-me tanto
de tanto usar-me
e me cansei
enfim

Popo de Sião

O SEGUE A VIAGEM PESSOAL

Aquele ponto de encontro ainda baila na imaginação
De quando os motoristas se reuniam antes de partir
Trocavam ideias dos roteiros com suas conduções
E entre umas bebidas jogavam conversa fora e sorrir

A turma somava quase uns vinte motoristas
Como o Pedro do Oscar Gramory João Padre
Gente boa que viajava por muitos estados além do [paulista
Com o Irineu Geraldinho de Oliveira e no posto do Zé Bernardi

Estavam também o João Gaspardi o Zé Prisco e o Militão
Paravam naquele posto do Zote Comune já saudoso
Abasteciam com óleo diesel o caminhão
E aproveitavam o dia para bater um papo gostoso

E aquela oficina mecânica onde os reparos eram feitos
Por mecânicos bem tarimbados e com muita atenção
Consertavam de tudo o que aparecesse um serviço [perfeito
Deixando como novos os velhos caminhões

Lá estavam o Telo e o Milo Mantovani seu irmão
E depois o Mauro do Biu e seu irmão comandavam
Toninho e o Canaverde que trabalhavam na condução
Sabiam achar os defeitos no que com preparo [desmontavam

E aquele bar e empório montado no lado oposto da avenida
Onde estava o vendeiro Gino Labegallini sempre bem [atendendo
A todos os motoristas e fregueses com alegria contida
E sempre sorridente deixando o tempo passar e nem [percebendo

E podendo se dizer que todos os dias da semana
A agitação tomava conta dos motoristas
Que levavam uma vida não tão bacana
Mas cumpriam seus destinos como idealistas

E assim a vida foi levando ou levando a vida
Como Ulini bem declarou em sua crônica mensal
Quando motoristas mais corajudos rodavam na investida
De percorrer longas estradas no território nacional

(Ao ler a crônica de Ugo Labegallini, na edição 610, de abril de 2023, onde ele cita outros nomes como de Otávio Maurício, Menininho Passarella, Dinarte do Carmindo, João Kaloré. Realmente é muita saudade...)

Arlindo Belini

RIO COTOVELO

Ali tinha um rio,
de águas translúcidas.
Canoa passava,
passarinho bebia e
sapo cantava.

Cadê o Rio Cotovelo,
da minha infância,
de lambari na peneira e
pelados na represa?

Será o fantasma da ponte?
Não!!! Impossível!!!
Areia do pasto comeu?
Enterrou mais um rio?

Até quando?

Yoshiharu Endo

BAR

no guardanapo
de papel
escreveu
versos borrados

lindo poema
perfeitamente
inacabado

Kuaia

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Agosto de 2023 Nº 614

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Setembro de 2023

Dia 01
Luiza Righeti Amaral
Maria Ap. Labegalini
Tatiana Virgílio Comune
Célia Pereira S. Freire
Edmárcio de Souza Bueno
Dia 02
Celso Damasceno de Souza
Lourdes H. Moreira,
Manoel C. da Costa
Vera Lúcia G. de Moraes
Rodrigo Giglio Zucato
Bruno Daniel A. Faria
Dia 03
João Carlos Genghini
Maira de Souza
Rony Martins Vedovoto
Mônica Labegalini
Cauã Guireli
Elisete Comune
Acácio Cétolo
Dia 04
Mariane Mariano Silva
Clara M. Nicioli Cirioni,
Dia 05
Iraci Aparecida Freitas
Tiago Comune Barros
Dia 06
Aparecida Glória Bernardi,
Túlio e Heleno Guirelli
Elaine Cristina M. da Costa
Eliza Akini Shimoda
Dia 07
Angelina B. C. Simões
Guilherme Gotardelo
Fernanda B. Andrade
Simone de Souza
Dia 08
José Ap. Dorta Machado
Camila Comune Daldosso
Michel Caroli
Dia 09
Maria Ap. Luz Labigalini,
Dia 10
Irineu Labigalini,
Ana Lúcia Santos
Dia 11
Maria Imaculada de Oliveira
Romildo Labigalini
Dia 12
Pedro H. Coelho Marcelino
Bruna Dias e Silva
Alome Acorsi Comune
Dia 13
Luigi Gottardello Fonseca
Nathália de Godoi
Dia 14
Ana Carolina G. Silva
Michel Coutinho de Souza
Fátima Ap. da Costa
Gabriela Pennacchi
Fabrícia Araújo
André Luiz Messias
Dia 15
Amanda C. P. Pennacchi
Isabel Regina B. C. Ribeiro
Alexandre Kuroda,
José Sabino Bueno
Dia 16
João Tadeu D. Machado
Mariana C. Pereira Varoni
Alyne Labegalini De Nez,
Dia 17
Eduardo Cândido de Godoy
José Carlos F. Vilas Boas
Norma Santos Trindade,
Aline Monteiro V. Brunialti
Dia 18
Patrícia Zucato Dizeró
Érica Araújo
Vitor Henrique U. Biscuola
Felipe Gomes da Silva
Dia 19
Gilberto Costa Bruneli
Edina N. G. Labegalini,
Benedita S. H. Machado
Dia 20
Heloisa Helena Genghini
André A. dos Santos
Dia 21
Eliana Bourgeth D. Machado
Giselda Monteiro Guinesi
Fábio Glória
Rita S. B. Castro Gonçalves
Maria da Conceição
José Luiz Andreta
Priscila Ribeiro Zucato
Dia 22
Camila Rosiene Barbosa
Vânia Maria Pioli Labegalini
Irene Labegalini Zucato
Rogério Artuso
Mariana Artuso
Adilson José Queirós
Willian Comune Barbosa
Hélio Aparecido Gomes
Benedita Stela J. Canela
Antonia Ap. Martins Ribeiro
Dia 23
Ana Lúcia dos Santos
Luiz Righeti
Roberto Jacomassi Augusto,
Mª de Lourdes V. Labegalini,
Dia 24
Ronaldo A. Labigalini
Meire Regina Labigalini
Enevaine da Silva Martins
Renata Comune Fiori
Marcela Cristina Renção,
Pedro Henrique Monteiro
Dia 25
Fanny Gnecco de Calhelha,
da diretoria da Fundação
Ernestina Ota Izumi
Alcina G. Otaviano Miranda
Isabel Cristina Barbosa
Dia 26
Antonio Edmar Guireli,
colaborador deste jornal
Ana Eliza Fernandes
Dia 27
Leonildes Labegalini,
Dia 28
Mariane Magioli Bréscia
Camila Costa P. Bueno
Dia 29
Irmã Andréa Comune
Eliane Comune
Roger Campos Freire
Cláudia Amaral Macedo
Dia 30
Bruna Antunes da Costa
Marcelo Ricardo Labigalini.

A todos, as felicitações da Redação!

AUTORES DE MONTE SIÃO NA CÂMARA MUNICIPAL

Seguem avançadas as tratativas entre a Presidência da Câmara Municipal, a Diretoria de Fundação Cultural Pascoal Andreta e o coordenador da pesquisa "Catalogando Autores de Monte Sião", para consolidar a exposição permanente de obras de autores monte-sionenses no saguão da Câmara. Além da exposição das obras o projeto homenageará um monte-sionense ilustre que emprestará o nome ao evento de caráter permanente. Aplausos!!!

ACONTECEU NA NOITE DE 12 DE AGOSTO...

Na noite nublada do dia 12 deste mês, ocorreu com sucesso a cerimônia de entrega dos prêmios aos vencedores do XXI Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de Poesia. O jornal do mês de setembro de 2023 apresentará os textos vencedores de cada categoria.

Na mesma noite, houve o lançamento do terceiro livro de ficção do colaborador deste jornal, Matheus Zucato Robert. O livro traz contos escritos entre 2021 e 2022, alguns deles reconhecidos em concursos literários nacionais. Os interessados nos exemplares restantes podem entrar em contato com o autor em seu *instagram*: @matheus_zucato.

ESTRADA MONTE SIÃO <> OURO FINO, OUTRA VEZ...

No último fim de semana de julho, não vi sinal de equipe mobilizada para a manutenção e recapeamento da pista. Alguns trechos até estão melhores. Entretanto, há um radar na Batinga, dois na Mococa, um na entrada e outro na saída, e outro radar na reta entre a curva da entrada do bairro Peitudos e a Ponte Preta, uma reta de quase dois quilômetros. Este radar, no meio da reta de cerca de dois quilômetros, está com placas camufladas pela paisagem, sem sinalização prévia obrigando os motoristas à redução brusca de velocidade para 40KM. Está aí uma ação duvidosa! Reduzir bruscamente a velocidade no meio de uma reta onde se desenvolve o limite da rodovia que deve ser de 80KM, pode ser: 1) Ação para "pegar" os incautos e aumentar a arrecadação por intermédio de multas (embora ache que o Gov. Zema não precise disso); 2) CRUELDADE administrativa contra o cidadão, ou 3) Mera estupidez, que não se explica nem se justifica. Pode ser tudo, menos ação destinada a melhorar as condições de trânsito no local porque as frenagens bruscas são grandes causadoras de acidentes por engavetamento nas rodovias. Haja... Deus é Grande!

ESTRADAS RURAIS DE MONTE SIÃO, DE NOVO...

Foi bom ver e ouvir o Sr. Prefeito (em mensagem recebida pelo whatsapp) informando do investimento de R$20 milhões em equipamentos e recursos para a manutenção das estradas vicinais do município. Zé, por favor, manda espalhar uns caminhões de pedregulho/cascalho na subida do sítio da benzedeira D. Cacilda Bressan, na Batinguinha, para que ela possa ir com segurança às missas, ao supermercado e à farmácia. Deus há de te abençoar!

IX GENGHINADA

Correu tudo muito bem e foi um belo encontro de oriundi. Muita alegria, comes e bebes, música e danças. Abraços apertados de matar saudades e promessas de ter a X Genghinada no último domingo de julho do ano que vem! O Encontro da Genghinada repercute na Itália e na Argentina, pelos comentários e cumprimentos vindos dos primos de lá. Eita italianada boa! A bênção Irmã Magda Genghini, a bênção Padre Bruno Genghini! *(https://www.youtube.com/watch?v=usyg3Uv-jlU. https://www.youtube.com/@RecantoTrindade)*

UVA, VINHO E TRADIÇÃO...LAGOA DOURADA!

Lagoa Dourada, um bonito bairro do município, está se tornando um polo de cultivo de videiras produção de uvas e vinho, iniciada por Luiz Giarolla, um sonhador que lá identificou a oportunidade e iniciou seu projeto Videiras de Monte Sião com parreira formada por 1.500 pés de uvas rosadas, produzindo 2 mil garrafas de vinho por safra. Tomara que a ideia se espalhe e que aquela região possa se tornar um polo produtor de uvas e seus derivados. Boa! (Excelente relato em: https://www.viagenserotas.com.br/2020/11/enoturismo-no-sul-de-minas-passeio-na-vinicola-videiras-de-monte-siao/)

O CÉU VAI A YBACA, OU VICE-VERSA

Foi numa das aulas de português das segundas-feiras que o professor Pascoal Andreta grafou na lousa, entre outras palavras do vocabulário Tupi-Guarani, o termo YBACA que quer dizer CÉU. Foi o que bastou para que o Roberto Céu, então um dos alunos, tivesse seu nome alterado para ROBERTO YBACA. Agora, precocemente, em 06/08/2023 o Roberto Céu nos deixou e vai morar em YBACA, porque Céu ele já tinha no nome. Vai com DEUS, amigo!

Fragmentos - 27

ARIOVALDO GUIRELI

1 Educar é mostrar caminhos a quem ainda não os tem nem mesmo atalhos. O educador diz: -Veja! E, ao falar, aponta! O outro olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente... E ficando mais rico interiormente pode sentir alegria – que é a razão pela qual devemos viver.

2 - Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez (...) – Trecho inicial do texto datado de 1884 – A Igreja do Diabo – escrito pelo bruxo Machado de Assis.

3 - O fator hídrico pode provocar panes elétricos. A escassez de água se fará presente para desespero de estados no país todo. A seca deverá ser brutal. A diminuição de chuvas será constante. A estiagem poderá trazer inseguranças alimentar. A economia mundial intensificará as condições de vida na Terra sem nenhuma misericórdia. O cuidado com a "Casa Comum" tão propalado pelo Papa Francisco na Carta Encíclica "Laudato Si" interage com a real preocupação do momento. No item 113 da referida Carta diz: "(...) as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo e das capacidades técnicas. Tomam consciência de que o progresso da ciência e da técnica não equivale ao processo da humanidade e da história, e vislumbram que os caminhos fundamentais para um futuro feliz são outros.(...)" E a pergunta que podemos fazer é pertinente, pois haverá futuro para o nosso país e o mundo enquanto o capital financeiro tratar o planeta como uma imensa roleta e tendo como prioridade o aumento de riquezas privadas?

4 - Rastrearam os caminhos para procurar aquela ave rara. Não conseguiram. Desviraram montanhas e açudes, dobraram esquinas e nada. Um dia aquele cantor do entardecer, depois de algumas cervejas, comentou: - Existe sim uma ave rara. E sabe onde ela mora? Na caverna do Morro Pelado. Bem no meio. Lá onde o seu cantar é bem de madrugada. E ela canta assim: - ...

5 - A frase feita e as palavras por completar pode ser ajudada pelo filósofo Nietzsche: "É preciso navegar. Deixando atrás as terras e os portos dos nossos pais e avós, nossos navios têm de buscar a terra dos nossos filhos e netos, ainda não vista, desconhecida".

6 - Leia (com urgência) de Eduardo Moreira – A Intenção Primeira – (um ensaio sobre a natureza do real) Editora Civilização Brasileira.

7 - Este fragmento foi interpretado com muito esmero e carinho pelo Professor Roberto Céu.

8 - Beijos gerais.

CASA DAS MASSAS de Lourdes Labegalini
Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados
Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG
ACEITAMOS ENCOMENDAS

TELESON TELECOM
A melhor internet do Circuito das Águas Paulista
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

SEBO DO ISMAEL
Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7, Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180

ACM CONTABILIDADE
ADRIANO - CHARLES - MAURICE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

VISITE NOSSO MUSEU

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini
Peças e Acessórios para Áudio e Vídeo
Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136